



Dei Verbum



Realização: Associação Filhos de Jesus e Maria, Comunidade de Aliança e Vida (Distribuição gratuita) Edição: Abril / Maio - 2011

MISERICÓRDIA DIVINA

Amisericórdia do Pai enviando seu filho ao mundo

Meditação: A Cruz de Cristo, uma revelação radical da Misericórdia

O programa messiânico de Cristo, o programa tão “impregnado de misericórdia”, se cumpriu plenamente na cruz, Cristo, durante toda sua vida, em todas suas mensagens e atividades mostrava aos homens a face misericordiosa do seu Pai. Por palavras comoventes, comparações cheias de expressão e beleza, tentava convencer a todos que SEU PAI é também o Pai dos homens, cheio de misericórdia infinita, inesgotável. Agora, no fim da sua missão, Jesus que era a “misericórdia encarnada do seu Pai”, deveria dar a maior prova desta misericórdia do seu Pai; deveria dá-la numa maneira extraordinariamente difícil, dura, sem misericórdia, pagando o preço da justiça por nós. Ele que “tinha a condição divina não considerava o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo... humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz” (F1 2, 6-8). Ele, Senhor do universo, coloca-se na sua paixão numa situação de indigente que necessita de misericórdia. “Aquele que passou fazendo bem e curando a todos (Mt 9,35), mostra-se ele próprio, agora, digno de maior misericórdia e parece apelar para a misericórdia quando é preso, ultrajado, condenado, flagelado, coroado de espinhos, quando é pregado na cruz e expira no meio de tormentos atroz”. (DM,7)

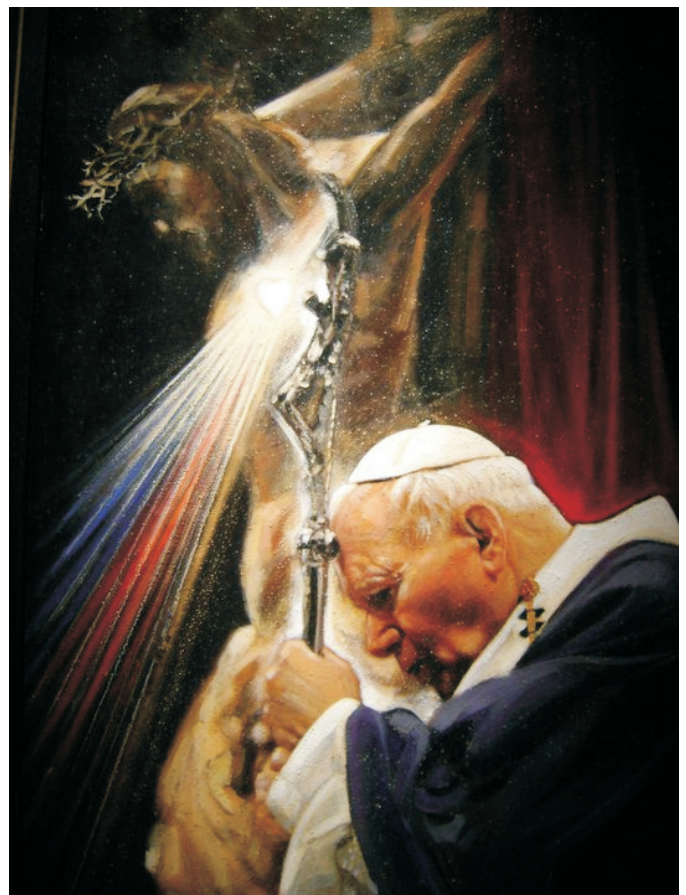
“Cristo, enquanto homem, que sofre realmente e de modo terrível no Jardim das Oliveiras e no Calvário, dirige-se ao Pai, àquele Pai cujo amor ele pregou aos homens e de cuja misericórdia deu testemunho com todo o seu agir. Mas não lhe é poupado, nem sequer a ele, o tremendo sofrimento da morte na cruz. “Aquele que não conhecera o pecado, Deus tratou-o por nós como pecado” (2Cor 5,21).” (Dives in Misericórdia, 7). Cristo sofreu o terrível abandono, para nós incompreensível, para demonstrar a todos que “Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Esta entrega no Filho, o abandono que o Filho sentiu na cruz e que foi o maior sofrimento dele, é a maior expressão de misericórdia de Deus para com os homens.

Sofrendo tão dolorosamente, Jesus não deixou de cumprir o seu programa inicial em Nazaré que consistia na revelação do amor misericordioso para como os pobres, os oprimidos e os pecadores. Por três horas suspenso na cruz, derramou a misericórdia: sobre os inimigos – rezando por eles ao Pai, sobre o ladrão – prometendo-lhe em breve a entrada no paraíso, sobre o discípulo amado (e em sua pessoa sobre todos os fiéis) – entregando sua Mãe como Mãe de Misericórdia; sofreu o abandono do Pai para merecer misericórdia para os abandonados, desejou derramar a misericórdia sobre todos os homens, e agora já o cumpriu e com o

sentimento de ter cumprido a vontade do Pai exclamou: “Está consumado”.

Consumou-se a salvação do mundo. Já está glorificado o Nome de Deus, restituída a hora verdadeira, apagando o pecado original, na alma humana é esculpida novamente pela graça a semelhança divina, o pecado castigado em seu mal, a ofensa penitenciada, a nova aliança estabelecida, as potências do inferno esmagadas, e o seu príncipe, o demônio, derrotado. Com a chave da santíssima cruz foram abertas as portas do céu. Do Coração do Salvador aberto pela lança nasce a sua Esposa, a santa Igreja, a Mãe dos filhos renascidos da água e alimentados pelo Sangue de Cristo, que brota sem cessar do seu Coração. Consciente de tudo isso, Jesus exclama: “Está consumado”, e morre.

Morre o Salvador do mundo. A terra treme com o pesado suspiro e acordam do sono os corpos dos homens há muito falecidos. A cortina do templo rasga-se em duas partes; já não há nada para ocultar, pois o Santo dos Santos do templo transfer-se para o Cenáculo. O Sol cobre a sua claridade; partem-se as rochas mais duras, criando em si fendas pelas quais o Sangue de Cristo derrama-se sobre os ossos dos patriarcas. Tremem em suas bases os infernos, aos quais desde a alma de Cristo para libertar os santos do



Antigo Testamento. Agitam-se os demônios em desespero, tremem na terra os seus mensageiros ao verem os seus aparentes triunfos acabarem em vergonhosa derrota, pois o “sangue dos mártires torna-se a semente do cristianismo”. (Tertuliano)

Morreu Jesus quando ainda viviam os dois ladrões, que os soldados acabam de matar quebrando suas pernas. Aproximam-se do Salvador e vêem que já não vive. Para se certificar da sua morte, um deles transpassa o seu lado com tanta habilidade que a lança passa para o lado esquerdo e atinge o Coração do Salvador. Do seu Coração assim aberto brotaram Sangue e Água, que fluem do Coração de Cristo morto, brotam dele até o dia de hoje e brotarão eternamente em forma de graças purificadoras e vivificantes. No quadro do Salvador Misericordioso essas graças são simbolizadas pelos raios que saem da túnica entreaberta na altura do peito.

“Os dois raios representam o sangue e a água. O raio pálido representa a água que justifica as almas, o vermelho representa o sangue, vida das almas. Ambos os raios saíram das entranhas da minha misericórdia quando, na cruz, o meu coração foi aberto com a lança. Feliz aquele que viver sob a proteção deles, porque não será atingido pelo braço da justiça de Deus.” (D.288 – Diário de Santa Maria Faustina).

Oh, que grande, quão infinitamente grande misericórdia divina derramou-se sobre a humanidade inteira, quando morreu o Salvador do mundo! Compreender isso ultrapassa as limitações da razão, e para falar – faltam palavras!

Coloquemo-nos com Maria junto à cruz sobre a qual morre o Salvador, e juntamente com Ela supliquemos ao Pai a misericórdia para toda humanidade, especialmente para os pecadores empedernidos.

Jesus disse à Ir Faustina: “Escreve que quanto maior a miséria da alma, tanto maior direito tem à minha misericórdia, e estimula todas as almas à confiar no inconcebível abismo da minha misericórdia, porque desejo salvá-las todas. A fonte da minha misericórdia foi aberta com a lança na cruz para todas as almas – não exclui a ninguém”. (D 1182)

“Coloquem a confiança na minha misericórdia os maiores pecadores. Eles têm mais direitos que os outros à confiança dos abismo da minha misericórdia para as almas mais atribuladas. Causam-me prazer as almas que recorrem à minha misericórdia.”(D1146)

“Abri meu coração como fonte viva de misericórdia; que dela tirem vida todas as almas, que se aproximem desse mar de misericórdia com grande confiança. Os pecadores alcançarão justificação, e os justos serão confirmados no bem.”(D 1520)

Rezando hoje pelos pecadores, renovemos e confirmemos também nós a confiança na infinita misericórdia de Deus. Jesus respondeu a uma alma que lhe perguntou como deve comemorar este grande dia da misericórdia, a Sexta-feira Santa: “Minha filha, o dia da misericórdia, Sexta-feira Santa, não deve ser para ti a tristeza, mas de grande alegria, toda interior, porque deste dia mostrei à tua alma meu amor infinito. Sendo Sexta-feira o grande dia da misericórdia, exijo de ti, para bem o comemorares, que adornes a tua alma com um ato de heróico de confiança na minha infinita misericórdia. Este ato consiste em jamais duidares que te amo infinitamente e, depois de jamais deixares de falar a quem quer que seja, de minha grande misericórdia

em sempre perdoar!”

Misericordiosíssimo Jesus, de quem é próprio ter compaixão de nós e de nos perdoar, não olheis os nossos pecados, mas a confiança que depositamos em vossa infinita bondade. Acolhei-nos na morada do vosso compassivo Coração e nunca mais nos deixes sair dele. Nós vo-lo pedimos pelo amor que vos une ao Pai e ao Espírito Santo.

Eterno Pai, olhai com misericórdia para toda humanidade encerrada no Coração compassivo de Jesus, mas especialmente para os pobres pecadores. Pela sua dolorosa paixão, mostrai-nos a vossa misericórdia, para que glorifiquemos a onipotência da vossa misericórdia, por toda a eternidade. Amém.

No horto manifesta a sua Misericórdia

Percebemos em Nosso Senhor no Horto o medo e angústia, a aversão e a repugnância, uma grande tristeza e aflição. Comprova-o a inconstância em seu comportamento: Ora deixa os Apóstolos, ora volta até eles; ora queixa-se da tristeza e do abandono, ora busca o consolo dos homens. Está profundamente perturbado e traz uma grande inquietação interior. Sinal e prova da intensidade da luta interior é o suor sangrento, que por um lado aponta para a delicada constituição do corpo e por outro para a enorme angústia da alma. Como devia ser forte a oposição da vontade contra as exigências da falcidade inferior, se fluíu sangue juntamente com o suor. O seu rosto está pálido, os membros tremem de pavor, o peito se contrai convulsivamente, a respiração se esvai na boca, os olhos contemplam com angústia ora o céu, ora a terra, ora os Apóstolos, com um agonizante pavor.

O que provocou tamanha mudança em Cristo, até então corajoso, perseverante e intrépido? Segundo as três manifestações de angústia, havia também três causas.

O grande temor era consequência da certeza da paixão e morte próxima. Conhecia Ele, melhor do que ninguém, o preço da sua vida, o seu valor para o céu e a terra, para sua Mãe e para os Apóstolos. E aí a sua viva imaginação apresentou com todos os detalhes todas as cenas e o quadro da paixão próxima, a humilhação e o desprezo, o horror da morte na cruz, a dor dos Apóstolos, a traição de Pedro, a dor de sua Mãe diletíssima, etc. Tudo isso desabou sobre Ele como uma pedra muito grande e fazia-o afundar cada vez mais.

A aversão e a repugnância surgiram de perfeito conhecimento dos homens e dos pecados, pelos quais o Salvador devia sofrer. Via como eles estavam em clamorosos contraste com a Majestade Divina – com a santidade, beleza e justiça divina, e diante desse mar de lama e sangue entorpeceu-se sua alma e sentiu aversão e repugnância. O pecado havia caído sobre Cristo com todo o seu peso, enquanto a santidade, pureza e delicadeza de sua alma estremeciam profundamente de pavor. Elias, ao ver os pecados dos seus conterrâneos, lançou-se sobre um pé de zimbros e exclamou: “Para mim é melhor morrer do que viver nesse charco (sujeira)”. E Cristo via os pecados de todo o mundo e de todos os tempos.

E como eram os homens por cujos pecados devia morrer? A maioria deles mergulhada no paganismo e na infidelidade. Cristo vê bandos que saem para lutar contra a sua doutrina, para a luta

contra Ele em seus sucessores, nos sacramentos, na Igreja, nas próprias almas. Vê como parece pálidos o pequeno grupo dos seus verdadeiros adoradores, entre os quais também percebe a queda e a apostasia: “Nossa alma está prostada até o pó, e colado no solo o nosso corpo” (Sl 43, 26)

A tristeza e a aflição decorriam da consciência de Cristo de que muitas pessoas não tirariam proveito da sua Paixão. Pela encarnação o Filho de Deus esposou a humanidade, para conduzi-la, como esposa, ao Pai Celestial. Por isso fundou a Igreja, transmitiu-lhe a sua doutrina, os sacramentos, e agora quer morrer por essa humanidade. Até que vê em espírito que muitas pessoas desprezarão a Igreja e abusarão das suas graças para a sua perdição. Vê os seus sacramentos negligenciados e profanados pelos que os recebem e pelos que os distribuem, a sua doutrina desprezada e corrompida. Sente profundamente a perdição de cada alma, como se fosse arrancado um membro do seu Corpo. Por isso fica triste e queixa-se, suspira e reza cheio de angústia, cobre-se de suor sangrento e vez após outra dirige-se aos Apóstolos para se afastar desses quadros terríveis e buscar ao menos um pouco de consolo. No entanto, encontra os Apóstolos dormindo, e em vez de consolo, sente ainda mais aflição.

Revolta-se a natureza e a vontade humana de Cristo diante desses quadros terríveis, mas submete-se à vontade de Deus, que é a própria Misericórdia. Por isso sofre com toda espontaneidade, com humildade, e finalmente vence o temor, a aversão e a tristeza. Ele mesmo abriu as comportas da água amarga da Paixão. Ele mesmo mergulhou em suas terríveis profundezas, Ele mesmo derrama abundantemente o seu próprio Sangue, e essa espontaneidade faz o seu sacrifício tanto mais caro e agradável ao Pai, e tanto mais manifesta a infinita misericórdia de Deus. Sofre humildemente diante dos Apóstolos, permite ser consolado pelo Anjo, reza com as palavras mais afetuosas e submete-se à vontade do Pai Celestial, prestando nessa submissão a mais profunda homenagem de adoração e veneração.

Aproximemos-nos do Santíssimo Herói com profunda humildade. Prostremo-nos por terra, que clama não pela vingança, mas pela misericórdia para o mundo, da qual brotarão as flores das virtudes dos mártires. Adoremos-Lo, oculto aqui no Sacramento do Altar. E aqui, no silêncio impenetrável, reza continuamente por nós o Cordeiro e com sua oração fundem-se todos os clamores da Igreja juntamente com as alegrias da Semana Santa. A sua alma paira sem cessar entre Deus e o mundo, e as gotas de sangue derramadas misericordiosamente no Horto protegem a terra da ira da justiça. Aqui se entrelaçam e fundem as melodias da terra e das paragens celestiais, avolumando-se num hino de adoração do Pai. Unamos os nossos sentimentos e atos de adoração com o cântico incessante dos coros celestiais:

SANTO, SANTO, SANTO É O SENHOR DO UNIVERSO! OS CÉUS E A TERRA ESTÃO CHEIOS DA VOSSA GLÓRIA!

Nossa gratidão a Deus pelos dons da misericórdia

“Pegando o cálice, deu graças”. Assim falam os Evangelistas sobre Nosso Senhor, que na Instituição do Santíssimo Sacramento, na Quinta-feira Santa, deu graças ao Pai Celestial em nome de toda a humanidade. Exigiu também a gratidão dos leprosos curados, quando dentre os dez apenas um se lembrou disso: “não ficaram curados todos os dez? Onde estão os outros nove?” (Lc 17,17). Da mesma forma conclama à gratidão São Paulo: “Tudo quanto fizerdes, por palavras ou obras, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Col 3,17). “Em todas as circunstâncias dai graças, porque esta é a vossa respeito a vontade de Deus em Jesus Cristo”. (1 Tes 5,18)

Por isso temos a obrigação de gratidão a Deus pelos dons da misericórdia, como nos lembra sempre a Igreja no prefácio. Segundo S. Bernardo, nada causa tanta repugnância a Deus como a ingratidão dos cristãos, visto que a ingratidão impossibilita à Misericórdia Divina derramar as suas graças sobre os homens. Se o sol pudesse sentir, não haveria nada mais desagradável para ele do que uma cortina, que impossibilitaria a ação dos seus raios. Assim desagradável é para Deus a ingratidão, que impossibilita a ação da sua misericórdia divina. “A ingratidão – diz S. Bernardo – é uma nuvem que se estende entre o sol da misericórdia divina e a terra”, Ela ainda ofende a Deus privando-O do tributo que lhe devemos prestar conscientemente em nome de todas as criaturas, prejudicando assim o objetivo da criação: “Tudo fez o Senhor para seu fim” (Prov 16,4).

Quem se lembra da obrigação da gratidão?! Mesmo as almas piedosas limitam-se sobretudo a pedir na oração, e raras vezes agradecem. E o que dizer daqueles que nunca ou quase nunca rezam. Eis que, como na última Ceia, assim também no Santíssimo Sacramento do Altar Nosso Senhor continuamente compensa essas nossas falhas e em nome de todos os homens rende graças ao Pai Celestial. Na terra pecadora, entre os homens ingratos ergue-se o seu altar, do que eleva-se sem cessar um tributo de ação de graças. Encerrou-se aí o Salvador com um sentimento de gratidão, para despertá-lo também em nós. Por isso, com Ele, por Ele e n’Ele agradeçamos à misericórdia divina pelas graças.

O que é necessário para que o nosso coração se assemelhe ao coração de Cristo

O principal motivo da vinda de Nosso Senhor era suplicar o perdão a Deus pelas culpas e reparar os pecados do mundo. Por isso nas primeiras palavras na cruz pede ao Pai o perdão para os seus algozes; assim rezava Ele sempre, assim rezou no Horto, visto que o pedido de perdão ao lado de adoração e da ação de graças, é um ato necessário de toda oração de graças, é um ato necessário de toda oração do homem. Toda a Paixão e Morte de Nosso Senhor foi sobretudo um sacrifício de reparação pela infinita ofensa a Deus. Tinha Ele sempre essa missão diante de seus olhos, sentia esse pesado fardo sobre si – os pecados do mundo – e confidenciava aos Apóstolos: “Devo ser batizado num batismo, e quanto anseio até que ele se cumpra” (Lc 12,50). Com o coração angustiado de reparação andou Ele a vida toda, mas seu Coração ficou angustiado de maneira especial durante a agonia no Horto; sentia-se como um

cordeiro ao qual tivessem encostado a faca na garganta. Mas por que essa reparação?

“Deus é bom – diz Tertuliano – porque é inimigo do mal; é infinitamente misericordioso, porque odeia todo pecado”. Não se pode imaginar que a misericórdia divina seja fraca, mas sim forte, extasiando-se com a virtude e tendo piedade da miséria, mas afastando-se do mal. Essa é a verdadeira misericórdia, que combate o mal do pecado: “Não digas: a misericórdia do Senhor é grande, ele terá piedade da multidão dos meus pecados. Pois piedade e cólera são nele igualmente rápidas, e o seu furor visa os pecadores” (Ecl 5, 6-7). A direita vingadora de Deus é detida pela infinita misericórdia, cujo único caminho é a penitência e a súplica. Fizeram penitência em jejum, cinzas e pó os habitantes de Nínive e obtiveram perdão; fizeram penitência Madalena, Pedro e o ladrão na cruz e obtiveram a absolvição; devemos também nós fazer penitência, e a flor da nossa penitência deve ser o pedido de perdão, bem como a reparação pelas ofensas.

Assim fez penitência Madalena, que não somente queria levar as suas culpas, mas ainda prestar reparação ao Senhor pela sua infidelidade, pois depois de receber o perdão derramou um precioso óleo sobre a cabeça do Salvador, correu ao túmulo para ungir o seu Corpo e depois fez severa penitência até a morte. De sentimentos desse tipo estavam repassados S. Paulo da Cruz, S. Maria Egípcia e outros santos, que se comoviam ao pensar nas injúrias dirigidas a Deus. Amando Cristo, juntamente com Ele, por Ele e n’Ele suplicavam incessantemente o perdão para si e para o mundo todo.

Cada um de nós deve também proceder dessa maneira. Ainda que há muito tempo tenhamos recebido o perdão, devemos prestar reparação ao Salvador pelas ofensas e pelos sofrimentos que suportou por nossos pecados. E se alguém não tivesse pecados, deveria pedir perdão pelos seus irmãos, como fez Cristo na cruz. Com esses sentimentos permanece Ele no Santíssimo Sacramento do Altar, onde no silêncio podemos ouvir o seu incessante apelo ao Pai Celestial: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”.

Aproximemos-nos, portanto, do sacrário e aprendamos, com o prisioneiro do amor e da misericórdia, o espírito de reparação: com quanta força devemos suplicar e pedir perdão, como devemos pedir socorro para os pecadores. Aqui está a escola e a fonte da oração e de expiação, aqui o modelo de reparação pelos nossos pecados e do mundo inteiro. Clamemos, portanto, com a nossa mãe Igreja:

“Perdoai, Senhor, Perdoai ao Nosso povo.

Pela falta de fé, amor e confiança na vossa misericórdia, perdoai-nos Senhor!

Pelos cristãos inconstantes, que se opõem à graça e contrariam a vossa vontade, perdoai-nos Senhor!

Pela frieza, desleixo e indolência no serviço de Deus, perdoai-nos Senhor!

Pela omissão da Santa Missa nos domingos e dias santificados, perdoai-nos Senhor!

Pela inobservância dos jejuns e da abstinência na comida e bebida, perdoai-nos Senhor!

Pela desobediência e desrespeitos aos pais, aos superiores e à Igreja, perdoai-nos Senhor!

Pelos assassinatos das crianças no seio da sua mãe, perdoai-nos Senhor!

Pela devassidão e falta de modéstia na vida e nos trajes, perdoai-nos Senhor!

Pelos pecados dos pais e dos casados, perdoai-nos

Senhor!

Pelos pecados da ira, do ódio e da inveja, perdoai-nos Senhor!

Pelos prejuízos causados ao próximo no patrimônio e na fama, perdoai-nos Senhor!

Pela falta de amor e do espírito de sacrifício, perdoai-nos Senhor!

Pela soberba, gula, e concupiscência pecaminosa, perdoai-nos Senhor!

Pela celebração negligente do sacramento da penitência, perdoai-nos Senhor!

Pela profanação do Sacramento do Altar, perdoai-nos Senhor!

Pelos pecadores insolentes com a esperança da misericórdia divina, perdoai-nos Senhor!

Pela leviandade na celebração e recepção dos santos sacramentos, perdoai-nos Senhor!

Pela satisfação das paixões e falta de mortificação, perdoai-nos Senhor!

Pela fraqueza e pelas quedas dos justos e escolhidos, perdoai-nos Senhor!”

Pedi e vos será dado... Porque todo aquele que pede recebe (Mt 7,7)

Quando apresentamos os nossos pedidos a Deus, estamos cumprindo uma recomendação do Salvador e podemos estar certos de que com isso Lhe agradamos. Em tudo dependemos do Criador, tanto na ordem natural como na ordem da graça. Da mesma forma que são necessários a chuva e os raios do sol para que a terra produza frutos, assim também necessitamos da graça nas coisas da fé para que possamos proceder de acordo com ela. Deus deseja ir em nosso auxílio, desde que o peçamos a Ele. Deus na verdade sabe de tudo, e também daquilo que necessitamos, porém não nos impõe sua misericórdia pela força, mas exige que nós mesmos desejemos espontaneamente suas graças e as peçamos. Deus na realidade tudo previu e dispõe das coisas, mas faz depender o seu curso da nossa colaboração. Se a nossa vontade se encaminha para os planos de Deus pela oração os desígnios de Deus concretizam-se de uma forma; se não se encaminha, a vontade de Deus atinge o seu objetivo de outra forma.

Deus não é somente infalível e imutável, mas sobretudo misericordioso, generoso e magnânimo: deseja conceder-nos suas graças com abundância, mas limita-o a nossa moderação nos pedidos. É pela oração que possibilitamos que a Misericórdia Divina seja concedida a nós, e a medida dessa misericórdia será a confiança das nossas orações. O pedido é o mais eficaz apostolado. Deus revelou a um famoso pregador que as conversões que realizava não eram obras do seu talento, mas efeito das orações de certa pessoa que com esse objetivo rezava o rosário.

Nosso Senhor deixou-nos o exemplo de súplicas através da oração sacerdotal na última ceia: “Por eles é que rogo. Não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste... Não rogo somente por eles, mas também por aqueles que por sua palavra hão de crer em mim, para que todos sejam um” (Jo 17,9,20). E assim Cristo rezou por cada um de nós antes de sua Paixão, e reza agora no Santíssimo Sacramento do Altar. Peçamos portanto com Ele, por Ele e n’Ele, e com certeza seremos atendidos, “Tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vos concederá” (Jo 15,16). O que significam as palavras “tudo quanto pedirdes”? Pois muitas vezes pedimos e não podemos conseguir a conversão de pessoas más, a chuva, ou o bom tempo. Nosso Senhor no-lo explicou quando

pediu que fossem afastados os seus sofrimentos e não conseguiu. É uma grande graça para nós que essa oração não tenha sido atendida. Pedir em nome de Cristo significa pedir a seu exemplo e com suas palavras – “se for possível... se essa for a vontade” – significa elevar-se acima da dor, da miséria e das aversidades coma convicção de que, se não conseguirmos o bom tempo, a chuva etc, a nossa alma alcançará força e perseverança para suportar o peso da vida. Assim foi atendida a oração do Salvador, quando após a oração no Horto disse aos discípulos: “Levantem-se vamos!”.

Vamos portanto com confiança até Cristo e pelo Imaculado Coração de Sua Mãe peçamos tudo o que está de acordo com a vontade de Deus.

Uma fé viva, uma confiança de criança e um amor dedicado, nós vos pedimos, Senhor!

O dom da oração e do recolhimento, bem como o cumprimento da vossa vontade em nós, nós vos pedimos Senhor!

A misericórdia, o perdão e a ajuda nas tentações, nós vos pedimos, Senhor!

Que nos levantemos dos pecados e nos lembremos da vossa presença, nós vos pedimos, Senhor!

O zelo apostólico e o amor ao sacrifício da Santa Missa, nós vos pedimos, Senhor!

O espírito da obediência, da castidade, da pobreza, da humildade e da abnegação, nós vos pedimos, Senhor!

A vitória sobre as paixões, nós vos pedimos, Senhor!

O amor e a devoção ao Imaculado Coração de Maria, nós vos pedimos, Senhor!

A misericórdia do vosso Coração na nossa morte, nós vos pedimos, Senhor!

O reinado da vossa misericórdia na nossa Pátria, nós vos pedimos, Senhor!

A conversão de todos os pecadores e apóstatas, nós vos pedimos, Senhor!

Sacerdotes zelosos e virtuosos, nós vos pedimos, Senhor!

Santos em nossa nação, nós vos pedimos Senhor!

O consolo para os enfermos, sofredores e desesperados, nós vos pedimos, Senhor!

O alívio para as almas que sofrem no purgatório, nós vos pedimos, Senhor!

Jesus manso e humilde de coração, fazei o nosso coração semelhante ao Vosso.

A Festa da Misericórdia

Ocupa um lugar privilegiado entre todas as formas de devoção à Misericórdia Divina reveladas a Irmã Faustina. Pela primeira vez Nosso Senhor falou sobre a instituição desta Festa em 1931, em Plock, quando expressou a Sua vontade de que fosse pintada a Imagem: “Eu desejo que haja a Festa da Misericórdia. Quero que essa Imagem, que pintarás com o pincel, seja benta solenemente no primeiro domingo depois da Páscoa, e esse domingo deve ser a Festa da Misericórdia.” (D, 49).

A escolha do primeiro Domingo depois da Páscoa para a Festa da Misericórdia tem o seu profundo sentido teológico ao mostrar a estreita união que existe entre o mistério pascal da Redenção e o mistério da Misericórdia de Deus. Esta união está ainda sublinhada pela Novena, com o Terço da Misericórdia Divina, começando na Sexta-Feira Santa.

A Festa não se resume apenas àquele dia para, de modo especial, louvar a Deus no mistério da



Foto do altar do Santuário da Divina Misericórdia, em Roma

misericórdia, mas também constitui o tempo de graça para todos os homens. “Desejo que a Festa da Misericórdia seja refúgio e abrigo para todas as almas, especialmente para os pecadores.” (D, 699). “As almas se perdem, apesar da Minha amarga Paixão. Estou lhes dando a última tábua de salvação, isto é, a Festa da Minha misericórdia. Se não venerarem a Minha misericórdia, perecerão por toda a eternidade.” (D, 965).

A grandeza dessa Festa só pode ser avaliada pelas extraordinárias promessas que Nosso Senhor a Ela atribuiu: “..alcançará perdão total das faltas e dos castigos aquele que, nesse dia, se aproximar da Fonte da Vida” (D, 300). “Nesse dia, estão abertas as entranhas da Minha Misericórdia. Derramo todo um mar de graças sobre as almas que se aproximam da fonte de Minha misericórdia, (...) Que nenhuma alma tenha medo de se aproximar de Mim, ainda que seus pecados sejam como o escarlata (D.699)

Para aproveitar destes grandes dons é preciso cumprir as condições da devoção à Misericórdia Divina: confiança na bondade de Deus, o amor ativo para com o próximo e encontrar-se em estado de graça santificante (após a confissão) dignamente recebendo a Sagrada Comunhão. “Nenhuma alma terá justificação – esclareceu Nosso Senhor – enquanto não se dirigir, com confiança, à Minha misericórdia. (...) Nesse dia, os sacerdotes devem falar às almas desta Minha grande e insondável misericórdia” (D. 570).

O SANTO PADRE E A MENSAGEM DE FÁTIMA

Discurso do Papa Bento XVI antes da oração do Rosário em Fátima

Queridos peregrinos,

Todos juntos, com a vela acesa na mão, lembrais um mar de luz à volta desta singela capelinha, amorosamente erguida em honra da Mãe de Deus e nossa Mãe, cujo caminho da terra ao céu foi visto pelos pastorinhos como um rasto de luz. Contudo, nem Ela nem nós gozamos de luz própria: recebemo-la de

Jesus. A sua presença em nós renova o mistério e o apelo da sarça ardente, o mesmo que outrora atraiu Moisés no monte Sinai e não cessa de fascinar a quantos se dão conta duma luz particular em nós que arde sem nos consumir (cf. Ex 3, 2-5). Por nós, não passamos de mísero silvado, sobre o qual pousou a glória de Deus. A Ele toda a glória, a nós a humilde confissão do próprio nada e a submissa adoração dos desígnios divinos que estarão cumpridos quando "Deus for tudo em todos" (cf. 1 Cor 15, 28). Serva incomparável de tais desígnios é a Virgem cheia de graça: "Eis a escrava do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1, 38).

Queridos peregrinos, imitemos Maria, fazendo ressoar em nossa vida o seu "faça-se"! A Moisés, Deus ordenara: "Tira as sandálias dos teus pés, porque o lugar em que te encontras é terra sagrada" (Ex 3, 5). E ele assim fez; calçará de novo as sandálias, para ir libertar o seu povo da escravidão do Egito e conduzi-lo à terra prometida. Não se trata simplesmente da posse dum pedaço de terreno ou dum território nacional que cada povo tem o direito de ter; na luta pela libertação de Israel e no seu êxodo do Egito, o que aparece primeiro é sobretudo o direito à liberdade de adoração, à liberdade de um culto próprio. No decorrer da história do povo eleito, a promessa da terra acabou por assumir cada vez mais este significado: a terra é dada para que haja um lugar da obediência, para que exista um espaço aberto a Deus.

No nosso tempo em que a fé, em vastas zonas da terra, corre o perigo de apagar-se como uma chama que já não recebe alimento, a prioridade que está acima de todas é tornar Deus presente neste mundo e abrir aos homens o acesso a Deus. Não a um deus qualquer, mas àquele Deus que falou no Sinai; àquele Deus cujo rosto reconhecemos no amor levado até ao extremo (cf. Jo 13, 1) em Jesus Cristo crucificado e ressuscitado. Queridos irmãos e irmãs, adorai Cristo Senhor em vossos corações (cf. 1 Ped 3, 15)! Não tenhais medo de falar de Deus e de ostentar sem vergonha os sinais da fé, fazendo resplandecer aos olhos dos vossos contemporâneos a luz de Cristo, tal como a Igreja canta na noite da Vigília Pascal, que gera a humanidade como família de Deus.

Irmãos e irmãs, neste lugar é impressionante observar como três crianças se renderam à força interior que as invadiu nas aparições do Anjo e da Mãe do Céu. Aqui, onde tantas vezes se nos pediu que rezemos o Terço, deixemo-nos atrair pelos mistérios de Cristo, os mistérios do Rosário de Maria. A oração do Terço permite-nos fixar o nosso olhar e o nosso coração em Jesus, como sua Mãe, modelo insuperável da contemplação do Filho. Ao meditar os mistérios gozosos, luminosos, dolorosos e gloriosos ao longo das "Ave Marias", contemplamos todo o mistério de Jesus, desde a Encarnação até à Cruz e à glória da Ressurreição; contemplamos a participação íntima de Maria neste mistério e a nossa vida em Cristo hoje, também ela tecida de momentos de alegria e de dor, de sombras e de luz, de trepidação e de esperança. A graça invade o nosso coração no desejo de uma incisiva e evangélica mudança de vida de modo a poder proclamar com São Paulo: "Para mim viver é Cristo" (Fil 1, 21), numa comunhão de vida e de destino com Cristo.

Sinto que me acompanham a devoção e o afeto dos fiéis aqui reunidos e do mundo inteiro. Trago comigo as preocupações e as esperanças deste nosso tempo e as dores da humanidade ferida, os problemas do mundo e venho colocá-los aos pés de Nossa Senhora de Fátima: Virgem Mãe de Deus e nossa Mãe querida, intercedei por nós junto de vosso Filho para que todas as

famílias dos povos, quer as que se distinguem pelo nome cristão quer as que ainda ignoram o seu Salvador, vivam em paz e concórdia até se reunirem finalmente num só povo de Deus, para glória da santíssima e indivisível Trindade. Amém.

Oração de Bento XVI a Nossa Senhora na Capelinha das Aparições em Fátima

"Senhora Nossa e Mãe de todos os homens e mulheres, aqui estou como um filho que vem visitar sua Mãe e o faz na companhia de uma multidão de irmãos e irmãs.

Como sucessor de Pedro, a quem foi confiada a missão de presidir ao serviço da caridade na Igreja de Cristo e de confirmar a todos na fé e na esperança, quero apresentar ao vosso Coração Imaculado as alegrias e esperanças e também os problemas e as dores de cada um destes vossos filhos e filhas, que se encontram na Cova da Iria ou nos acompanham de longe.

Mãe amabilíssima, Vós conheceis cada um pelo seu nome, com o seu rosto e a sua história, e a todos quereis com a benevolência maternal que brota do próprio coração de Deus Amor.

A todos confio e consagro a Vós, Maria Santíssima, Mãe de Deus e nossa Mãe.

O Venerável Papa João Paulo II, que Vos visitou três vezes, aqui em Fátima, e agradeceu a «mão invisível» que o libertou da morte no atentado de treze de Maio, na Praça de São Pedro, há quase trinta anos, quis oferecer ao Santuário de Fátima uma bala que o feriu gravemente e foi posta na vossa coroa de Rainha da Paz. É profundamente consolador saber que estais coroada não só com a prata e o ouro das nossas alegrias e esperanças, mas também com a bala das nossas preocupações e sofrimentos.

Agradeço, Mãe querida, as orações e os sacrifícios que os Pastorinhos de Fátima faziam pelo Papa, levados pelos sentimentos que lhes infundistes nas aparições.

Agradeço também todos aqueles que, em cada dia, rezam pelo Sucessor de Pedro e pelas suas intenções para que o Papa seja forte na fé, audaz na esperança e zeloso no amor.

Mãe querida de todos nós, entrego aqui no vosso Santuário de Fátima, a Rosa de Ouro que trouxe de Roma, como homenagem de gratidão do Papa pelas maravilhas que o Onipotente tem realizado por Vós no coração de tantos que peregrinam a esta vossa casa maternal.

Estou certo que os Pastorinhos de Fátima, os Beatos Francisco e Jacinta e a Serva de Deus Lúcia de Jesus nos acompanham nesta hora de prece e de júbilo.

Amém."



MAIO: MÊS DE NOSSA SENHORA, MÃE DE TODOS NÓS



Maio mês de sol e de flores, mês de Maria, coroados o tempo Pascal.

Neste mês de maio, muitos bons cristãos cultivam e s p e c i a i s manifestações de piedade para com a Virgem Santa Maria e estas práticas são para eles fonte de alegria em todos os dias do mês.

Seguem de p e r t o a recomendação do Concílio Vaticano II “Todos os cristãos

ofereçam insistentes súplicas a Mãe de Deus e Mãe dos homens para que Ela que com suas preces assistiu as primícias da Igreja também agora exaltada no céu sobre todos Bem Aventurados e Anjos e na Comunhão de Todos os Santos, interceda diante do seu Filho”. E em outro lugar: “Dê grande valor as práticas e aos exercícios de piedade para com a Virgem Maria recomendados pelo magistério no decurso do século.”

A devoção a Virgem no mês de Maio nasceu do amor que sempre procurou novas formas de exprimir-se e da reação contra os costumes pagãos que existiam em muitos lugares no mês das flores.

O mês de Maio, é especialmente dedicado a Nossa Senhora pela Igreja. São várias homenagens prestadas à Ela como forma de gratidão por sua colaboração a Deus em sua obra de salvação. Com o teu Santo sim, concedeu à humanidade todas as graças aceitando, ser a Mãe de Jesus Cristo, Mãe da Igreja e Mãe de toda humanidade. Também esse mês, lembra-se e dedica-se um dia a todas as Mães, podendo assim agradecer-las por sua participação e continuidade nos desígnios de Deus, pela colaboração da obra divina para criação do homem, devem seguir o exemplo que Maria Santíssima deixou como Mãe, Esposa e Filha recorrendo a Ela em suas necessidades para que cumpram a sua missão com eficácia, sendo Mãe de todas as mães e medianeira de todas as graças.

O Senhor Deus quis colocar nas mãos de Maria Santíssima todas as verdadeiras riquezas e nós os homens devemos implorar. Nela encontramos o consolo que estamos todos necessitados. Expondo nossas necessidades, que são muitas, em nossas orações escuta-nos. Pois nos conhecem muito bem e quer que busquemos a sua proteção, recorrendo a Ela como filhos pequeninos que não querem afastar de suas mães, pedindo-lhe ajuda em tudo que nos afligem ou nos preocupam, nos traz grande alegria.

Como mães serão bem orientadas, a conduzir os filhos no caminho da retidão e da justiça, formando assim, cidadãos do céu.

Maria, medianeira de todas as graças e sua maternidade divina

“E esta maternidade de Maria na economia da graça perdura ininterruptamente, a partir do consentimento que ela fielmente prestou na Anunciação,

que soube na cruz resolutamente manter, até a perpétua consumação de todos os eleitos. Assunta aos céus, não abandonou esta salvífica missão, mas por sua intecessão, prossegue em conquistar-nos os dons da salvação eterna. Por sua maternal caridade, cuida dos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam rodeados de perigos e dificuldades, até que sejam conduzidos à feliz Pátria”. (LG 62).

Maria Virgem, tornando-se Mãe de Jesus, tornou-se também nossa Mãe, pois Jesus, o Filho de Deus, ao se fazer homem, fez-se nosso irmão, o “Primogênito entre muitos irmãos” (Rom 8,29). Por meio dEla recebemos a Cristo, que no-la deu por Mãe e nos deu a ela como filhos, quando agonizante na cruz. Naquele momento, ao sacrificar a vida do seu corpo físico, Jesus dava vida ao seu Corpo Místico, à Igreja e a confiava à sua Mãe: “Jesus, pois, tendo visto sua Mãe e o discípulo que Ele amava, o qual estava presente, disse à sua Mãe: Mulher, eis aí teu filho. Depois disse ao discípulo: eis aí tua Mãe. E, dessa hora em diante, a levou o discípulo para sua casa” (Jo 19, 26-27). Ela nos gerava na dor e os apertava ao seu seio materno como membros do corpo Místico de seu Filho: Mãe da Cabeça – Jesus – é Mãe também de todo o Corpo – a Igreja – e da cada um dos membros – os fiéis.

E Jesus, como deu Maria a nós, miseráveis pecadores, assim nos dá afeto filial, participação do seu amor para com Ela, sua Mãe e nossa Mãe. Eis por que a devoção a Maria é o distintivo do verdadeiro cristão. A Igreja tem fé no testamento do Divino Redentor agonizante: e Ele, por meio de sua Igreja e dos seus fiéis, multiplica a expressão do seu afeto para com sua Mãe Santíssima.

Jesus agonizante, dando-nos Maria por Mãe, quer que A amemos com afeto filial como Ele A amou. Por isso, nossa estima, nosso louvor, nossa devoção e confiança jamais serão excessivas: porque ela é a criatura que mais dá glória a Deus e honra aos homens; por seu intermédio Deus nos deu Jesus, e com Jesus todos os bens; ela é o elo indispensável que por Cristo nos une a Deus.

A Igreja é um Corpo, do qual Jesus é a Cabeça e Maria o Coração. E como o corpo não pode desligar-se da cabeça e do coração, assim a Igreja nada é sem Eles, de quem recebe tudo o que tem na luz da fé e da glória. E o que se diz do Corpo, diz-se também dos membros.

Jesus, nossa Cabeça, entrou triunfante no céu, tomou posse do Reino, foi “preparar-nos um lugar” (Jo 14,2).

Maria Santíssima, elevada ao céu em corpo e alma, ocupa no Reino o trono mais próximo ao seu Divino Filho: é a Mãe-Rainha.

- Eis tua Mãe – nos repete o Redentor, Eis: na glória do céu, ao lado do Coração de Jesus, palpita o Coração de Maria; como Mãe que é Ela tudo pode sobre o coração de seu Filho e toda misericórdia para conosco, míseros pecadores, e incessantemente intercede por nós, para que, superados os perigos e as lutas desta vida, possamos ocupar no céu o lugar que nos foi preparado.

Esta é a oração que na Última Ceia Jesus fez pela sua Igreja: “Pai, que onde eu estou, estejam também comigo aqueles que me deste, para que vejam a glória que me deste, porque me amaste antes da criação do mundo” (Jo 17,24). É-nos consolador pensar que Maria intercede por nós junto a seu Filho, assim também o Filho ouve a oração da Mãe. Por isso, podemos ter certeza de que os reencontraremos um

dia com Jesus e Maria no céu, e veremos a Sua glória, contanto que nesta terra tenhamos invocado o Seu auxílio e imitado os exemplos de sua excelsas virtudes.

Eis por que a filial devoção a Maria Santíssima é sinal do verdadeiro congregado e penhor seguro de predestinação e salvação: ela não pode deixar que se perca quem com devoção de filho a invocou, amou e imitou.

Para confiarmos em Sua maternal proteção, lembremos a delicadeza de Sua caridade na visita que fez a Santa Isabel, no banquete das bodas de Caná, e, principalmente, ao pé da cruz, caridade que a faz alegrar-se com quem se alegra e a torna solícita com as necessidades dos outros. Lembremos o poder de Sua meditação: à Sua saudação, Isabel foi inundada pelo Espírito Santo e o Batista foi santificado ainda antes de nascer; ao Seu pedido Jesus antecipou o tempo dos milagres.

Com Maria vem Jesus e as suas graças, mesmo graças extraordinárias se necessário, contanto que façamos o que nos diz e obedeçamos a Seu Filho: também a nós ela diz o que disse aos criados nas bodas de Caná: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Cf Jo 2,5).

Relembremos: somos filhos de Maria; tenhamos confiança, recorramos a Ela e não temamos! Deste nosso exílio olhemos para o alto, para a Pátria feliz: “Apareceu no céu um grande sinal: um mulher vestida de sol, e a lua debaixo de seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre sua cabeça” (Apc 12,1). Esta visão do Apocalipse se refere à glória da Igreja triunfante mas bem se adapta à glória de Maria Santíssima que da Igreja é Mãe e Rainha. Ela é a mulher revestida de sol: porque mais do que ninguém resplande da luz da glória do seu Filho: a lua é o escabelo de seus pés; porque Maria se eleva nos triunfos do céu sobre todas as coisas mutáveis deste mundo; tem a cabeça coroada de doze estrelas; porque junto com os Apóstolos fazem-lhe coro todos os Anjos e Santos: Ela é a Rainha do mundo.

Eis Maria, prodígio de graça e de glória. É a esplêndida estrela que nos guia e nos salva dos perigos do mar tempestuoso desta vida; não a percamos de vista nunca, sigamo-la, invoquemo-la e imitemo-la. Escutemos a exortação de São Bernardo: “Pensa em Maria, invoca Maria; não deixes que ela saia do seu coração; e para que possas pedir ajuda de sua oração, não deixes de imitar os seus exemplos” (Hom I Subper Missus P.L. 183,7).

Invoquemo-la, como desde os primeiros séculos, nos tempos de perseruição, gostavam de invocá-la os cristãos: “Sob a vossa proteção nos refugiamos, Ó Santa Mãe de Deus: não desprezeis as nossas súplicas em nossas necessidades, mas livrai-nos de todos os perigos, ó sempre Virgem gloriosa e bendita”.

Maria Santíssima é Mãe e não nos abandona. Ela é inseparável de Jesus e inseparável da Igreja, porque é Mãe de ambos. Como Mãe, de pé, aos pés da cruz, estava presente quando Jesus redimia a Igreja; presente no Cenáculo no dia de Pentecostes, quando Jesus vivificava a Igreja dando-lhe o Espírito Santo.

Jesus não abandona jamais a Igreja, unida a si como esposa fiel: “E eis que eu estarei convosco até o fim dos tempos” (Mt 28,20). Também Maria não a abandona, pois que o Mestre lhe confiou. É verdade, Maria não está presente aqui na terra como Jesus na Eucaristia, mas sua ação materna, em benefício da Igreja e de seus fiéis, se patenteia até mesmo através de fatos extraordinários.

Jesus, na Igreja e nos fiéis, continua a luta contra o mal, o erro e o pecado, e a triunfar sobre eles;

sua Mãe, sempre unidade a Ele nestas lutas e nestes triunfos, está também sempre unida à Igreja e aos fiéis, nos quais ainda defende também a vida e a doutrina de seu Divino Filho, mostrando-se Mãe e Mestra de sabedoria, santidade e heroísmo.

Ela quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade; é o refúgio dos pecadores, a Mãe e Rainha dos Apóstolos e das Missões.

No curso dos séculos, as maravilhosas aparições de Maria Santíssima foram sinais da sua maternal bondade; ela se compraz em estar com seus filhos; não nos abandona jamais sozinhos no meio das provas e perigos deste vale de lágrimas. E é Jesus mesmo quem nos mostra quanto seja poderosa a Intercessão de Maria, sua Mãe e nossa Mãe; como filho, se compraz em glorificá-la e em ver que também nós a glorificamos com afeto filial. Exaltado no Reino da glória, com alegria Jesus contempla sua Mãe participando de seus triunfos imortais, e lhe repete: “Eis teu sangue e a tua dor! Muitos já gozam tranquilos na glória do céu, outros expiam no purgatório outros lutam entre os perigos da vida sobre a terra. Todos te invocam como Mãe e têm para contigo amor de filhos: porque a ti eu os confiei todos, e porque a cada um deles eu disse: Eis a tua Mãe. Escuta-os! Na sua voz ressoa a minha voz, porque são meus irmãos. Tu és Mãe, minha e deles; e eu nada te nego quando me pedes por eles. Escuta a voz desses teus filhos! É um hino de louvor que sobe ao teu trono: eis como todas as nações te chamam bem-aventurada” (cf Lc 1,48) É um coro de súplicas que de todas as partes te chegam a significar a confiança que todos põem em tua misericórdia, no Teu poder de Rainha. Mãe, eu me comprazo em ver-Te tão grande, diz Jesus. Com todo o afeto Lhe repetimos: Mãe, nós comprazemos em ver-te tão grande.

Também nós, ó Maria, somos teus filhos; chegue a Ti o nosso hino de louvor; Ave, ó cheia de graça, o Senhor é contigo! Tu és bendita entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre, Jesus! (Lc 1,28-42). O Senhor Te abençoou no Seu Poder e, por Teu intermédio, aniquilou os nossos inimigos (cf Jdt 13,17). Tu és a glória de Jerusalém, a alegria de Israel, a honra do nosso povo. (cf Jdt 15,9).

E o hino de louvor, através do Teu coração, chegue ao trono do Teu Filho Jesus, ao trono do Altíssimo; também nos unimos a Ti para glorificarmos o Senhor que em Ti fez grandes coisas e te exaltou na glória (cf Lc 1,49).

A IMPORTÂNCIA E O VALOR DO ROSÁRIO

Fátima: o Rosário, arma específica para as necessidades atuais da Igreja e da cristandade

“O Rosário se revela assim como o remédio específico e, neste sentido, uma arma, enquanto todo remédio combate a doença contra a qual é aplicado – para todas as necessidades, grandes e pequenas, da Igreja e da Cristandade.

Em 1917 em Fátima (Portugal), Nossa Senhora descreve a situação extremamente grave em que se encontra a humanidade de nosso século, afastada de Deus e da Igreja, de seus mandamentos e de sua moral. Essa situação de pecado está a merecer pesados castigos do Céu, se os homens não se emendarem. Como remédio, a Mãe de Deus oferece a devoção ao seu Coração Imaculado, e principalmente o Rosário, que salvará a humanidade e evitará os tremendos castigos que estão preparados.

Depois da consumação dos castigos anunciados em Fátima, cumprir-se-á também a maravilhosa promessa feita por Nossa Senhora: “Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará”.

Para que isto aconteça, Nossa Senhora recomendou a reza diária do Terço nas seis vezes que apareceu em Fátima.

É esta, sem dúvida, a maior consagração do Rosário, especialmente para o nosso século. Nossa Senhora indicou de modo categórico o Rosário como meio de salvação”.



Nossa Senhora de Fátima,
pediu aos pastorinhos:
"Rezem o terço todos os dias, para a
conversão dos pecadores e
para a paz no mundo."

As indulgências anexas ao Rosário

“A recitação do Rosário está enriquecida com preciosas indulgências: indulgência plenária, se é feita em igreja ou oratório público, ou em família, comunidade religiosa ou pia associação; indulgência parcial, nas outras circunstâncias.

Para a indulgência plenária, basta rezar a terça parte do Rosário (Terço), mas as cinco dezenas devem ser recitadas sem interrupção. E a oração vocal deve acrescentar-se a pia meditação dos Mistérios.

O fiel que usa devotamente um objeto de piedade (cruz ou crucifixo, terço, escapulário, medalha), devidamente bento por um sacerdote, pode ganhar uma indulgência parcial.

Cumpra-se notar o destaque que a Igreja dá ao Terço rezado em família: uma indulgência plenária para todos aqueles que dele participam.

O Rosário em família é muito agradável a Nossa Senhora. É a propósito dele que o Pe. Peyton criou a fórmula, consagrada pelo Papa Pio XII: “A família que reza unida permanece unida”.

O Rosário favorece, pois, a união da família, bem sumamente precioso, mais ainda em nossos dias, em que a família é ameaçada por tantos fatores de dissolução, como a educação ímpia dada em tantas escolas, os espetáculos imorais que invadem até o recesso do lar, a licenciosidade dos costumes que se generaliza etc. Contra tudo isto, o Rosário em família é o antídoto específico.

Com efeito, o Rosário é um dos meios mais excelentes para obtermos de Deus, por meio de Nossa Senhora, todas as virtudes e extirparmos todos os vícios”.

O Rosário fortalece a fé e faz desabrochar as flores

de todas as virtudes

“O papel do Rosário na aquisição das virtudes é bem descrito por Leão XIII, o célebre Pontífice Romano que promoveu muito essa devoção e até instituiu o mês de outubro como mês especialmente consagrado ao Rosário. Diz ele num de seus numerosos documentos dedicados ao tema: “O Rosário produz outro fruto insigne, muito adequado às necessidades dos nossos tempos. É que, numa época na qual a virtude da fé em Deus está todos os dias exposta a tão graves perigos e assaltos, o cristão acha no Rosário meios abundantes para alimentá-la e fortalecê-la.....Na verdade, Cristo ocupa, na instituição do Rosário, o lugar de proeminência que lhe compete. De fato, é a sua vida que nós contemplamos na meditação: a vida privada, nos mistérios gozosos; a vida pública, em meio a imensos trabalhos e a padecimentos mortais; a vida gloriosa, enfim, que da sua triunfal ressurreição chega até à eternidade, onde está sentado à direita do Pai. E como a fé, para ser plena e irrepreensível, deve se mostrar exteriormente, “pois se crê com o coração para a justificação, mas se confessa a fé com a boca para a salvação” (Rom 10,10), no Rosário achamos também excelente meio para professarmos a nossa fé. Realmente, com as orações vocais de que ele se tece, podemos exprimir a nossa fé em Deus, nosso Pai providentíssimo, na vida do século futuro, na remissão dos pecados; confessamos ainda nossa fé nos mistérios da augusta Trindade, do Verbo encarnado, da maternidade divina, e em outras verdades ainda. Ora ninguém ignora quanto é grande o valor e o mérito da fé: semente seletíssima que hoje faz desabrochar as flores de todas as virtudes que nos tornam agradáveis a Deus, e mais tarde produzirá frutos que durarão eternamente” (Carta Encíclica Fidentem piunque, de 20 de setembro de 1896).

Portanto, o Rosário é um excelente meio de santificação individual, como o é de preservação familiar e restauração social”.

Poder do Rosário na luta contra o demônio

“Possuído de um ódio eterno, o demônio nada mais deseja do que causar toda espécie de prejuízos à glória de Deus e levar quantas almas puder para o Inferno. E tendo ele perdido o Céu para sempre, deseja que todos sejam eternamente infelizes com ele.

Por isso, ele tenta continuamente os homens, procurando arrastá-los ao pecado. Já foi assim com Adão e Eva no Paraíso, e será assim com todos os homens - salvo privilégio especialíssimo de Deus, como o de Maria Santíssima - até o fim do mundo.

Na luta contra o demônio, o homem conta com o auxílio da graça que Deus lhe dá, e com protetores especiais, como a Santíssima Virgem, os Anjos da Guarda e os Santos.

Nesta luta, o papel de Nossa Senhora é preeminente. Ela é chamada Terror dos Demônios. Na mais célebre de suas obras, o Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem, São Luís Grignon de Montfort explica por quê: “Uma única inimidade Deus promoveu e estabeleceu, inimidade irreconciliável, que não só há de durar, mas aumentar até o fim: a inimidade entre Maria, sua digna Mãe, e o demônio; entre os filhos e servos da Santíssima Virgem e os filhos e sequazes de Lúcifer; de modo que Maria é a mais terrível inimiga que Deus armou contra o demônio. Ele lhe deu até, desde o paraíso, tanto ódio a esse amaldiçoado inimigo de Deus, tanta clarividência para descobrir a malícia dessa velha serpente, tanta força para vencer, esmagar e aniquilar esse ímpio orgulhoso, que o temor que Maria inspira ao

demônio é maior que o que lhe inspiram todos os anjos e homens e, em certo sentido, o próprio Deus. Não que a ira, o ódio, o poder de Deus não sejam infinitamente maiores que os da Santíssima Virgem, pois as perfeições de Maria são limitadas, mas, em primeiro lugar, Satanás, porque é orgulhoso, sofre incomparavelmente mais, por ser vencido e punido pela pequena e humilde escrava de Deus, cuja humildade o humilha mais que o poder divino; segundo, porque Deus concedeu a Maria tão grande poder sobre os demônios, que, como muitas vezes se viram obrigados a confessar, pela boca dos possessos, infunde-lhes mais temor um só de seus suspiros por uma alma, que as orações de todos os santos; e uma só de suas ameaças que todos os outros tormentos”.

Para obter a intercessão de Nossa Senhora em nosso favor, na luta contra os demônios, não há devoção mais indicada do que o Rosário: “Armai-vos pois com as armas de Deus, armai-vos do Rosário” - diz São Luís Grignon de Montfort - e esmagareis a cabeça do demônio, e permanecereis estáveis contra toda as suas tentações. Daí vem que o Rosário, mesmo o instrumento material, seja tão terrível para o diabo, e que os Santos se tenham servido dele para encadear o demônio e expulsá-lo do corpo dos possessos”.

Resumo das virtudes, benefícios e méritos do Rosário

Todas estas virtudes, benefícios e méritos do santo Rosário podem assim ser resumidas:

- 1°) O Rosário eleva-nos insensivelmente ao conhecimento perfeito de Jesus Cristo;
 - 2°) Purifica nossas almas do pecado;
 - 3°) Torna-nos vitoriosos sobre todos os nossos inimigos;
 - 4°) Torna-nos fácil a prática das virtudes;
 - 5°) Abrasa-nos do amor de Jesus Cristo;
 - 6°) Enriquece-nos de graças e de méritos;
 - 7°) Fornece-nos com que pagar nossas dívidas para com Deus e para com os homens;
 - 8°) Enfim, faz-nos obter de Deus toda espécie de graças.
- (São Luis Maria Grignon de Montfort)

O Rosário deve ser rezado de modo digno, com atenção e devoção

“Para retirar do Rosário toda a sua eficácia impetratória e santificadora, é evidente que não basta rezá-lo de maneira mecânica e distraída”, escreve o renomado teólogo contemporâneo, Pe. Antonio Rovo Marin: “É preciso rezá-lo de modo digno, com atenção e devoção:

....

- a) **De modo digno** - esta primeira exige, no mínimo, que a recitação do Rosário se faça de maneira decorosa, como convém à majestade de Deus, a quem nossa oração é principalmente dirigida.

“O melhor procedimento para rezar o Rosário é de joelhos, diante do Santíssimo Sacramento,.... ou diante de uma piedosa imagem de Nossa Senhora. Contudo, pode-se perfeitamente recitá-lo em qualquer outra postura digna: modestamente sentado, passeando pelo campo, etc....

- b) **Com atenção** - a atenção é necessária para evitar a irreverência em que uma distração inteiramente voluntária implicaria. Como queremos que Deus nos ouça, se começamos por não ouvir-nos a nós mesmos?

“Não obstante, nem toda distração é culposa. As distrações involuntárias não invalidam o meritório da oração, desde que se faça o possível por contê-las e

evitá-las”....

- c) **Com devoção** - “a devoção consiste ... numa prontidão de ânimo para as coisas que tocam ao serviço de Deus”.

“Não se deve confundir fervor ou prontidão no que consiste essencialmente a devoção - com o sentimento de fervor: são coisas inteiramente distintas. O fervor ou prontidão consiste primária e principalmente na enérgica determinação da vontade de permanecer fielmente consagrada ao serviço de Deus, apesar dos freqüentes e dolorosos períodos de secura, aridez e provações espirituais....”

“Sem fervor da vontade, uma devoção meramente sensível não tem consistência ou real utilidade. Com o fervor, a alma permanece tranqüila e inquebrantável no serviço de Deus...”

“Entretanto, quando Deus nos dá consolações sensíveis, não devemos desprezá-las, pois constituem um poderoso estímulo para a atividade espiritual no serviço de Deus”.

OS MISTÉRIOS DO SANTO ROSÁRIO

MISTÉRIOS GOZOSOS

1. Anunciação do anjo Gabriel a Nossa Senhora (Lc 1, 26-38)
2. Visita de Nossa Senhora à sua prima Santa Isabel (Lc 1,39-56)
3. Nascimento de Jesus em Belém (Lc 2,1-21)
4. Apresentação do Menino Jesus no templo (Lc 2,22-40)
5. Encontro de Jesus no templo entre os doutores da lei (Lc 2,41-52)

MISTÉRIOS LUMINOSOS

1. Batismo de Nosso Senhor Jesus no Jordão (Cor 5, 21 - Mt 3, 17)
2. As Bodas de Caná (Jo 2, 1-12)
3. A proclamação do Reino e o apelo à conversão (Mc 1, 15)
4. A Transfiguração de Jesus (Lc 9, 35)
5. A Instituição da Eucaristia (Jo 13, 1)

MISTÉRIOS DOLOROSOS

1. Agonia mortal de Jesus no horto das Oliveiras (Mt 26,36-56)
2. Flagelação de Jesus atado à coluna (Mt 27,11-26)
3. Coroação de espinhos de Jesus por seus algozes (Mt 27,27-31)
4. Subida dolorosa ao Calvário (Jo 19,17-24)
5. Crucifixão e Morte de Jesus (Jo 19,25-37)

MISTÉRIOS GLORIOSOS

1. Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo (Jo 20, 1-18)
2. A ascensão Gloriosa de Jesus ao Céu (Lc 24, 50-53)
3. Descida do Espírito Santo sobre os apóstolos e Maria Santíssima no Cenáculo (At 2,1-13)
4. A Assunção Gloriosa de Nossa Senhora ao Céu (SI 44,11-18)
5. Coroação de Nossa Senhora como Rainha do céu e da terra (Ap 12, 1-4)

COMO REZAR O SANTO ROSÁRIO

1. Fazer o sinal da Santa Cruz.
2. **Oferecimento:** Senhor Jesus, nós vos oferecemos este terço que vamos rezar, contemplando os mistérios de nossa redenção. Concedei-nos, por intercessão de Maria, vossa Mãe Santíssima, a quem nos dirigimos, as virtudes que nos são necessárias para bem rezá-lo e a graça que nos vêm desta Santa Devoção.
3. Segurando a cruz, rezar o **Creio** (as orações completas estão a seguir).
4. Rezar 1 **Pai-Nosso** na primeira conta grande.
5. Rezar 3 **Ave-Marias** na três contas pequenas que seguem: em honra a Santíssima Trindade: a Deus Pai que nos criou, a Deus Filho que nos remiu e ao Espírito Santo que nos santifica;(a oração do Angelus é opcional)
6. Em seguida, na conta grande, Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre. Amém;
7. Seguir contemplando os mistérios. O desenho ao lado mostra em detalhes.

OBS: Ao iniciar cada mistério podemos colocar uma intenção ou pedido.

ORAÇÕES:

Creio

Creio em Deus Pai todo-poderoso, Criador do Céu e da Terra; e em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor; que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; nasceu da Virgem Maria; padeceu sob Pôncio Pilatos; foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia; subiu aos Céus; está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Católica, na Comunhão dos Santos; na remissão dos pecados; na ressurreição da carne; na vida eterna. Amém.

Pai Nosso

Pai nosso, que estais no Céus, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa Vontade, assim na Terra como no Céu. /

O pão nosso de cada dia nos dai hoje, perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido; e não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém.

Ave Maria

Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. /

Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.

Glória ao Pai

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Como era no princípio, agora e sempre. Amém.

Ó meu Jesus

(após cada dezena, depois do Glória, rezamos uma Jaculatória, que é uma oração breve.) Ó meu Jesus, perdoai-nos. Livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o céu e socorrei principalmente as que mais precisarem (oração ensinada pelo Anjo de Portugal aos pastorinhos de Fátima).

Agradecimento

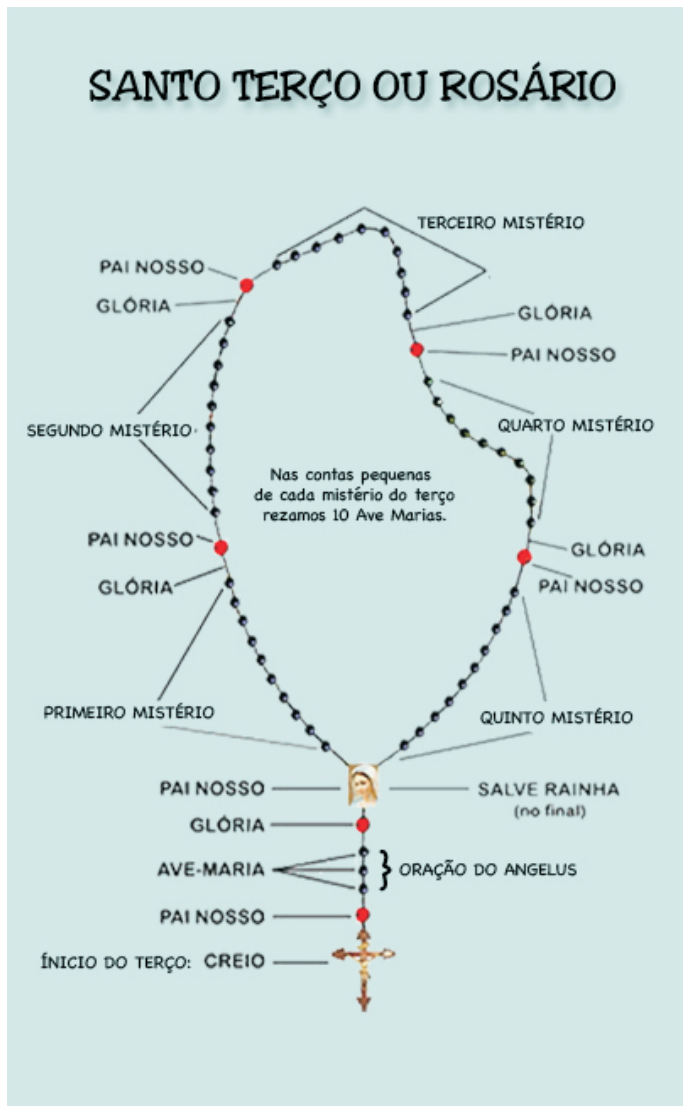
Infinitas graças Vos damos, soberana Rainha, pelos

benefícios que todos os dias recebemos de vossas mãos liberais. Dignai-Vos, agora e sempre, tomar-nos debaixo de vosso poderoso amparo, e para mais Vos obrigar, Vos saudamos com uma Salve Rainha.

Salve Rainha

Salve, Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve! A Vós bradamos, os degredados filhos de Eva. A Vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei. E depois deste desterro mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce e sempre Virgem Maria.

V/. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus.
R/. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.
Amém.



TRECHO DO DISCURSO DO PAPA BENTO XVI NA BEATIFICAÇÃO DO PAPA JOÃO PAULO II (01/05/2011)

Amados irmãos e irmãs,
passaram já seis anos desde o dia em que nos encontrávamos nesta Praça para celebrar o funeral do Papa João Paulo II. Então, se a tristeza pela sua perda era profunda, maior ainda se revelava a sensação de que uma graça imensa envolvia Roma e o mundo inteiro: graça esta, que era como que o fruto da vida inteira do

meu amado Predecessor, especialmente do seu testemunho no sofrimento. Já naquele dia sentíamos pairar o perfume da sua santidade, tendo o Povo de Deus manifestado de muitas maneiras a sua veneração por ele. Por isso, quis que a sua Causa de Beatificação pudesse, no devido respeito pelas normas da Igreja, prosseguir com discreta celeridade. E o dia esperado chegou! Chegou depressa, porque assim aprouve ao Senhor: João Paulo II é Beato!

Estamos no segundo domingo de Páscoa, que o Beato João Paulo II quis intitular Domingo da Divina Misericórdia. Por isso, se escolhi esta data para a presente celebração, foi porque o meu Predecessor, por um desígnio providencial, entregou o seu espírito a Deus justamente ao anoitecer da vigília de tal ocorrência. Além disso, hoje tem início o mês de Maio, o mês de Maria; e neste dia celebra-se também a memória de São José operário. Todos estes elementos concorrem para enriquecer a nossa oração; servem-nos de ajuda, a nós que ainda peregrinamos no tempo e no espaço; no Céu, a festa entre os Anjos e os Santos é muito diferente! E todavia Deus é um só, e um só é Cristo Senhor que, como uma ponte, une a terra e o Céu, e neste momento sentimo-lo muito perto, sentimo-nos quase participantes da liturgia celeste.

A bem-aventurança eterna de João Paulo II, que a Igreja tem a alegria de proclamar hoje, está inteiramente contida nestas palavras de Cristo: “Feliz de ti, Simão” e “felizes os que acreditam sem terem visto”. É a bem-aventurança da fé, cujo dom também João Paulo II recebeu de Deus Pai para a edificação da Igreja de Cristo.

Entretanto, passa pelo nosso pensamento mais uma bem-aventurança que, no Evangelho, precede todas as outras. É a bem-aventurança da Virgem Maria, a Mãe do Redentor. A Ela, que acabava de conceber Jesus no seu ventre, diz Santa Isabel: “Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor” (Lc 1, 45). A bem-aventurança da fé tem o seu modelo em Maria, pelo que a todos nos enche de alegria o fato de a beatificação de João Paulo II ter lugar no primeiro dia deste mês mariano, sob o olhar materno d'Aquela que, com a sua fé, sustentou a fé dos Apóstolos e não cessa de sustentar a fé dos seus sucessores, especialmente de quantos são chamados a sentar-se na cátedra de Pedro.

Por fim, quero agradecer a Deus também a experiência de colaboração pessoal que me concedeu ter longamente com o Beato Papa João Paulo II. Se antes já tinha tido possibilidades de o conhecer e estimar, desde 1982, quando me chamou a Roma como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, pude durante 23 anos permanecer junto dele crescendo sempre mais a minha veneração pela sua pessoa. O meu serviço foi

sustentado pela sua profundidade espiritual, pela riqueza das suas intuições. Sempre me impressionou e edificou o exemplo da sua oração: entranhava-se no encontro com Deus, inclusive no meio das mais variadas incumbências do seu ministério. E, depois, impressionou-me o seu testemunho no sofrimento: pouco a pouco o Senhor foi-o despojando de tudo, mas permaneceu sempre uma “rocha”, como Cristo o quis. A sua humildade profunda, enraizada na união íntima com Cristo, permitiu-lhe continuar a guiar a Igreja e a dar ao mundo uma mensagem ainda mais eloquente, justamente no período em que as forças físicas definhavam. Assim, realizou de maneira extraordinária a vocação de todo o sacerdote e bispo: tornar-se um só com aquele Jesus que diariamente recebe e oferece na Eucaristia.

Feliz és tu, amado Papa João Paulo II, porque acreditaste! Continua do Céu – nós te pedimos – a sustentar a fé do Povo de Deus. Amém.

FONTES:

Livros:

- 1) Manual Devocionário do Congregado Mariano.
- 2) Diário: Santa Maria Faustina Kowalska
- 3) Guia da Devoção à Misericórdia Divina I
- 4) Rosário - a grande solução para os problemas de nosso tempo - Antonio Augusto Borelli Machado - Artpress Editora
- 5) “A eficácia maravilhosa do Santo Rosário-São Luis Maria Grignion de Montfort-Editora Artpress”
- 6) “O segredo do Rosário- São Luis Maria Grignion de Montfort-Editora da Divina Misericórdia”

Sites:

<http://www.vatican.va>
<http://www.santuario-fatima.pt/portal/index.php?id=2636>
<http://www.fatima.com.br/>

Informativo:

Instituto de Música Santa Cecília

Teclado - Contra-Baixo - Violão - Guitarra
Bateria - Canto - Musicalização Infantil

Fone: (19) 3241-7706

Aulas aos sábados

Edição e Publicação:



Associação Filhos de Jesus e Maria

www.afjm.org.br

Tiragem: 100 exemplares